

**ARTE E TRADIÇÃO: A PERFORMANCE DA FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE
DAS ALMAS, MUNICIPIO DE JOÃO PINHEIRO (MG)**

Maria Célia da Silva Gonçalves (TRANSE/UnB)

PALAVRAS-CHAVE: Performance - Folia de Reis - Identidade

A Folia de Reis é um folguedo natalino que chegou ao Brasil com os colonizadores portugueses. No entanto, não existe em Portugal uma manifestação artístico-religiosa similar à Folia de Reis brasileira. Tudo indica que as Janeiras portuguesas foram o ponto de partida para a criação das folias no Brasil. Amorim (2007: 26) afirma que: “o primeiro auto de que se tem notícia é o Auto de Los Reys Magos, escrito possivelmente no fim do século XI ou XII, na Espanha, onde surgiram significantes obras dramáticas de fundo religioso”. Na colonização brasileira o culto aos Reis Magos se fez presente como forma de catequização dos índios pelos jesuítas. Por ser um auto, cuja encenação centra-se no nascimento do Menino Deus, tornou-se ponto de fácil demonstração e conseqüentemente assimilação da fé em uma história muito importante para os fundamentos do cristianismo. Como observou Rios (2006: 67)

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos jesuítas para a catequese. Os padres Manoel da Nóbrega e José de Anchieta usavam a folia e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação da colonização, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros.

Na década de 30 do século XX, estudiosos da cultura se preocupavam com o fim das manifestações artísticas popular no Brasil, entre eles podemos destacar um dos grandes pensadores, Mário de Andrade, que em seus estudos sobre a cultura popular demonstrava preocupação com o fim das Folias de Reis em função da urbanização brasileira. No início do século XXI, já não existe mais essa preocupação por parte dos intelectuais. Os novos estudos sobre a cultura popular brasileira têm evidenciado um cenário de efervescência das manifestações culturais criadas/ recriadas pela população de uma forma geral.

Por mais que o homem do século XXI viva preocupado como o ritmo alucinado do relógio, que se envolva com a racionalidade das ciências ditas “pós modernas” ainda sobra tempo para as múltiplas manifestações religiosas, contrariando a idéia do *desencantamento*ⁱ de Max Weber, mesmo em grandes centros urbanos ainda é possível encontrar as Folias de Reis em plena atuação. Quando se penetra no interior brasileiro essas manifestações tomam presença constante no cotidiano da população, sobretudo dos estados de Minas Geras, Goiás e São Paulo. Mediante essa constatação surgiu um questionamento: por que a performance de um grupo de artistas populares pode funcionar como vetor construtor/reconstrutor de identidades?

Noite gelada de 12 de Julho de 2008. Uma pequena comunidade, distante 50 km da cidade de João Pinheiro (MG), faz uma pausa em seus afazeres na agricultura para festejar Santos Reis, através da performance na representação teatral e na música que conta o nascimento de Jesus. A comunidade

é formada por agricultores que vivem na zona rural do município, possui em média 200 casas, em sua maioria construídas de palha e pau-a-pique, não fosse a presença da BR 040 um visitante mais desavisado se sentiria no século XIX.

Na frente da pequena capela foi erguida uma majestosa fogueira. Presença de elementos de outras práticas culturais? Não necessariamente, Folia de Reis em João Pinheiro é assim mesmo, não tem data marcada, reúne elementos do sagrado e do profano, do catolicismo oficial e do popular, da arte e da tradição, vai se adaptando às condições sociais, econômicas e históricas. E nesse mesclar de saberes e fazeres se constitui uma prática artística cultural viva que necessita da memória de seus participantes para a sua manutenção e transição para as novas gerações.

De acordo com Schechner,

Os hábitos, rituais e rotinas da vida são comportamentos restaurados. Comportamentos restaurados são comportamentos vivos tratados como um cineasta trata um pedaço de filme. Esses pedaços de comportamento podem ser rearranjados ou reconstruídos; eles são independentes do sistema causal (pessoal, social, político, tecnológico...) que os levou a existir. Eles têm uma vida própria. Comportamentos restaurados podem ser longevos e estáveis como os rituais, ou efêmeros como um gesto de adeus. Comportamento restaurado é o processo chave de todo tipo de performance, no dia-a-dia, nas curas xamânicas, nas brincadeiras e nas artes. (Schechner, 2003:10).

Observa-se que os foliões mantêm muito das tradições portuguesas, mas que com o passar dos anos foram sendo recriadas, (re) significadas, ou seja, um comportamento restaurando, com quer Schechner, (2003) e cada apresentação se torna uma nova performance.

Após a celebração da missa, inicia a performance da Folia de Reis das Almas. Tudo foi cuidadosamente preparado para a encenação da viagem dos Três Reis Magos em sua busca pelo Menino Deus. O Sr. Luiz Paulo, 65 anos, agricultor aposentado e capitão do grupo explica que foi construída uma pequena casa, onde será colocado Herodes, que lutará com o palhaço do grupo.

Dona Tininha, 76 anos, cabelos brancos é quem segura uma lâmpada para conduzir os foliões, essa lâmpada simboliza a estrela que guiou os Três Reis. O grupo é composto por 12 cantadores, quando eles dão início a cantoria que representa a viagem, toda a comunidade acompanha. O tempo é outro, não existe a pressa da vida em grandes centros. São cantados inúmeros versos, várias voltas na praça de frente a Igreja são realizadas e finalmente o grupo para de frente ao palácio de Herodes. O palhaço pede informação do local do nascimento do Menino Jesus. Trava-se uma conversação entre eles. E finalmente estabelece-se uma luta entre os dois personagens que se estende por mais de 10 minutos, finalizando com a vitória do palhaço que captura Herodes apresentando-o à comunidade, que o aplaude vigorosamente.

A Folia segue a sua cantoria, dirigindo-se para a Igreja, onde existe um rei e uma rainha à sua espera. Nesse momento é cantado um terço pelos homens.

Na cozinha acontece uma outra performance, não menos importante que as dos foliões. A das cozinheiras sabedoras de uma arte tão importante quanto as músicas das folias. Esse conhecimento

também é repassado pela oralidade e tem a família como guardiã da memória do grupo. Dona Zinha, 60 anos, informa que é cozinheira desde criança quando acompanhava a sua mãe nas festas de reis da região. Ela nasceu e cresceu na comunidade onde vive até hoje. Hoje quando um festeiro vai organizar a folia sempre a consulta para saber sobre sua disponibilidade em dirigir a cozinha. Mesmo se tratando de um trabalho pesado, ela não deixa de atender o convite, pois entende que tem um dom divino, inspirado por Santos Reis. Percebe-se em sua fala que a sua função na Folia de Reis lhe traz certo status privilegiado, proporcionando-lhe o respeito do grupo, por ser portadora de um conhecimento importante na realização da festa, saber esse que lhe proporciona o sentimento de pertencimento ao grupo, cria identidade e lhe tira da invisibilidade social. Como observa Bourdieu (1996: 106): “Os ritos conseguem fazer crer aos indivíduos consagrados que eles possuem uma justificação para existir, ou melhor, que sua existência serve para alguma coisa”.

Dona Tininha também se orgulha de ser a florista, responsável pela decoração das festas de reis da comunidade. Ela afirma estar no ofício desde criança e reafirma a intenção de continuar praticando a sua arte enquanto viver.

Às 20:00 horas é servida uma mesa farta como é tradição das Folias de Reis mineiras, os foliões se dirigem em cortejo da Igreja para o galpão da comunidade, são guiados pelo palhaço e sucedidos pelo “rei e a rainha velhos” (os festeiros responsáveis pela organização da festa de 2008) e o “rei e a rainha novos”, que deverão organizar a festa em 2009.

Depois de cantados os versos, é feita a transição da coroa, existe todo um simbolismo, os novos reis recebem dos velhos um ramallete de flores de papel crepom, que imediatamente se põem a distribuírem como os participantes da festa. Receber uma flor significa ser convidado para a festa do próximo ano, assim a tradição vai se mantendo através do ritual. Dessa forma a comunidade segue a sua trajetória, mantendo-se unida por uma arte popular que os identifica enquanto atores sociais participantes de uma performance.

REFERÊNCIAS:

AMORIM, Sara Passabon. **Folia de Reis do Zumbi: uma prática performativa**. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas**. São Paulo: Edusp, 1986.

RIOS, Sebastião. **Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis**. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

SCHECHNER, Richard. **O que é Performance?** In: **O Percevejo. Revista de Teatro Crítica e Estética. Estudos da Performance**. Ano 11, nº.12, 2003.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade** (vol. 1). Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1991.

ⁱ “Desvalorização radical e definitiva de toda administração de graça mágica, sacramental e institucional perante a vontade soberana de Deus” (Weber, 1991:282-385).